

“De quanta terra precisa um homem?”: Liev Tolstói, Mateus 6:19-21 e a questão ambiental

“How Much Land Does a Man Need?”: Liev Tolstói, Matthew 6:19-21, and the Environmental Question

Idail dos Santos Costa¹



<https://orcid.org/0009-0001-6497-3210>

Resumo: O entrelaçamento do conto de Liev Tolstói, “De quanta terra um homem precisa?” (1886), e os ricos ensinamentos de Jesus, extraídos do livro de Mateus 6:19-21, sustentam a crítica do artigo ao problema ambiental e à ganância humana diante da acumulação de riqueza. O objetivo do estudo é analisar a desconexão entre os valores necessários para a sobrevivência e o que constitui a verdadeira riqueza humana diante de questões como o consumismo desenfreado e a sustentabilidade ambiental na atual crise ecológica do mundo..

Palavras-chave: Liev Tolstói; Mateus; Meio ambiente; Acumulação de riquezas.

Abstract: The interweaving of Liev Tolstói short story, “How Much Land Does a Man Need?” (1886), and the rich teachings of Jesus, taken from the book of Matthew 6:19-21, support the article’s critique of the environmental problem and human greed in the face of wealth accumulation. The aim of the study is to analyze the disconnect between the values necessary for survival and what constitutes true human wealth in the face of issues such as unbridled consumerism and environmental sustainability in the current global ecological crisis.

Keywords: Liev Tolstói; Matthew; Environment; Accumulation of wealth.

Introdução de um conto

O conto moral de Liev Tolstói, “De quanta terra um homem precisa?”, escrito no século XIX, narra a história de Pakhóm, um camponês obstinado em adquirir terras em grande quantidade. A obra marca uma fase da vida do autor que está em profunda transformação espiritual e filosófica, após um período de crise existencial, quando abandona a vida aristocrática e sua crença no progresso material, adotando um estilo de vida simples².

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA). E-mail: idailsc@gmail.com

² Clodovis Boff, na apresentação do livro *O Reino de Deus está em vós*, destaca a mudança de vida de Liev Tolstói: “Em seu livro, *Minha Confissão* (1882), conta que, cansado de seus mundanos êxitos literários, [...] parte em busca da fé viva. Primeiro, entabula debates com os filósofos do tempo, e nada. Depois frequenta os teólogos. Estes também não lhe deram à luz desejada. Finalmente mete-se no meio do povo pobre. Aí dá-se conta do que é na verdade a fé

Ao retratar um camponês, Tolstói revela que o personagem possuía uma terra suficiente para plantar e sustentar a sua família. Ao encontrar sua cunhada, que residia na cidade, ele recebe uma crítica a seu modo de vida camponês e é instigado a querer ter mais terra. Após ouvir as conversas das mulheres, o protagonista lamenta:

“É verdade”, pensou. “Ocupados como somos **lavrando a Mãe Terra**, nós, camponeses, não temos tempo para pensar em bobagens e utilidades. **Nosso único problema é que não temos terra suficiente. Se eu tivesse bastante terra, não teria medo nem do Diabo em pessoa!**”

Mas o Diabo estava [...] escutando tudo. Estava satisfeito por a mulher do camponês ter levado o marido a vangloriar-se e dizer que, **se tivesse terra suficiente** [...] (Tolstói, 2021, p. 69 – Grifo nosso).

Conforme relato de Liev Tolstói, após ouvir as palavras de Pakhóm, o diabo instiga-o ao desejar mais terras de forma gananciosa. Para tanto, o diabo o tenta com oportunidades sedutoras e irrecusáveis. Dessa forma, o camponês inicia um projeto de ampliação de suas propriedades até o território dos bashquires. Nesse local, o chefe da aldeia desafia Pakhóm a percorrer a pé toda a terra de forma ilimitada que conseguir em um dia para demarcar o território que deseja possuir, mas como uma condição, que retorne ao ponto de partida antes do pôr do sol, então toda a terra percorrida lhe seria concedida por um pequeno preço simbólico.

O aspecto relevante é que sua ambição por mais território o leva a percorrer uma longa distância e retornar antes que o sol se ponha. No desfecho funesto, ele sucumbe à exaustão, encontrando-se sepultado em uma terra que jamais conquistará.

O conto, portanto, utiliza a jornada como um espelho da condição humana, marcada por ambições e suas consequências. Ele aborda temas atuais, como o comportamento ganancioso e consumista, que, diante da efemeridade da vida, realiza extrações do meio ambiente, esgotando os seus recursos.

Mateus 6:19-21 e a crítica ao acúmulo de riquezas

O estudo do desejo e do consumo, bem como o reconhecimento de limites impostos à condição humana e à natureza, constitui um desafio para a pesquisa contemporânea. Implica abandonar a ideia de um mundo utópico de consumo³, e por esta razão, tem sido um desafio o estabelecimento de projetos factíveis para a humanidade.

Nesse sentido, o conto de Liev Tolstói, permeado pelas influências cristãs⁴,

para aquela gente. Percebe que para os pobres a fé não é assunto de conversas inconsequentes, mas uma questão vital. Só a fé lhes dava possibilidade de viver. É isso que provoca sua conversão” (Tolstói, 1994, p. 7-8).

³ Desejo obsessivo de consumo que nasce da ilusão de que é a imitação dos padrões de consumo da elite que nos torna melhores seres humanos (Sung, 2015, p. 108).

⁴ A aproximação que fazemos na obra de Liev Tolstói com o texto do Sermão do Monte em Mateus 6:19-21 acerca dos ricos nos ensinamentos de Jesus visa a sustentar a crítica do artigo ao problema ambiental e a ganância humana diante da acumulação e riqueza. Justificamos esta aproximação do pensamento do autor e da fala de Jesus, por ela

configura-se como uma crítica à sociedade russa de sua época e à sociedade contemporânea, que, diante das desigualdades sociais, busca por acúmulo de bens. O conto carrega uma contemporaneidade para além do seu tempo e sua mensagem cabe em nossa sociedade penetrada pelo desejo de consumo e objetos de desejos como mercadorias. Dessa forma, o texto de Tolstói possui a capacidade de conduzir a sociedade a refletir sobre a viabilidade de um modelo econômico alternativo, capaz de suprir as necessidades básicas de toda a população e de repor os meios de produção que se desgastam, além de investir nas novas gerações. Assim, seria possível construir uma sociedade sustentável, tanto do ponto de vista econômico, social e ambiental (Sung, 2015, p. 109-111). Jung Mo Sung (2015, p. 110) conclui que, para que a sociedade se reproduza de maneira adequada, ou seja, para que as relações humanas e as instituições sociais se tornem sustentáveis, é necessário que o tecido social permaneça intacto.

Ao expor a dicotomia entre espiritualidade e materialismo, a alegoria se entrelaça ao Evangelho segundo Mateus 6:19-21, em que Jesus alerta sobre os riscos de acumular riquezas na Terra. Nesse contexto, a narrativa estabelece uma conexão com a atual crise ecológica.

Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; **Mas ajuntai tesouros no céu**, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. **Porque onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração** (Mt 6:19-21 – ACF – Grifo nosso)⁵.

No Evangelho, as palavras de Jesus sobre não acumular bens materiais são um incentivo para discursarmos sobre a ganância humana que resulta em morte, como no conto de Tolstói, em que Pakhóm falece em decorrência de esgotamento físico ao tentar ter mais do que pode usufruir. Nessa ótica, as palavras de Jesus: “Porque onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração” (Mt 6:21 – ACF), funcionam como um alerta de que a busca desmedida pelo consumo e acumulação de riquezas terrenas (tesouros materiais) pode levar à autoflagelação.

O tema das posses materiais foi objeto de análise na filosofia, conforme exposto por Platão em sua obra *República*. A obra é riquíssima e proporciona inúmeras leituras acerca de temas contemporâneos. Estas leituras apontam que Platão descreve as posses materiais como um desejo que não somente corrompe a alma, mas leva também o caos na sociedade. Peter Simpson (2005), analisando os males de um governo injusto e dominador a partir da obra de Platão, toca na questão da ganância humana e propõe

estar reconhecida e explicitada em outras obras, como *O Reino de Deus está entre nós* (1893), considerada como a obra prima e maturidade intelectual de Tolstói. Nesse sentido, o autor Clodovis Boff, ressalta esse imbricamento dos pensamentos de Tolstói e da fala de Jesus, chegando a referir-se a Tolstói como “ensaista-profeta que nos é mais necessário” (Tolstói, 1994, p. 10).

⁵ Todas as citações diretas da Bíblia, neste trabalho, são da versão Almeida Corrigida Fiel, retiradas da *Bíblia de Estudo Plenitude*: 1995.

uma “anarquia” justa através de um princípio interno de justiça que deveria reger a cada ser humano:

O fracasso do experimento de Deus com Israel e a irrealizabilidade da cidade saudável de Sócrates devem ser reportados à mesma causa: ganância humana, ou tal amor do si mesmo material que chega a atingir o desprezo por Deus (amor sui usque ad contemptum Dei, para citar Santo Agostinho, De civ. Dei 14, 28). Isto é o que, na figura de Glauco, leva ao fim da cidade saudável e ao começo da cidade luxuosa e que, na figura dos filhos desobedientes de Israel, leva ao fim dos juízes e ao começo dos reis.

[...] As coisas não mudaram muito desde o tempo de Sócrates e dos filhos de Israel até o nosso. Clamamos por luxos excessivos tanto quanto Glauco, e por um rei poderoso para proteger-nos em nossos luxos tanto quanto os filhos de Israel (Simpson, 2005, p. 23).

Peter Simpson (2005, p. 23) conclui que, no Antigo Testamento, Deus comunica, através do profeta Samuel, ideias sobre o governo humano, similares as de Sócrates na obra de Platão.

O desejo de acumular riquezas de forma insaciável, aqui apresentado, assemelha-se a um ciclo autodestrutivo. Tal assertiva encontra fundamento nas críticas contundentes que tanto Jesus Cristo quanto Liev Tolstói empreenderam em suas respectivas épocas e contextos ao tocarem no tema corrosivo da ganância humana. Tais críticas cabem perfeitamente ao debate ambiental de nosso tempo, evidenciando como a ganância humana não apenas degrada o meio ambiente, mas também compromete a própria humanidade. Nessa corrida desenfreada pela vida material, o ser humano cria um objetivo ilusório que se revela inútil, e que tem como resultado a morte como a grande niveladora do que realmente tem valor.

Pakhóm e o seu antropocentrismo e a exploração da terra

Liev Tolstói concebe o personagem Pakhóm como um símbolo da vida antropocêntrica, refletindo a mentalidade moderna de dominação da natureza pelo ser humano, que vê o planeta como um recurso infinito a ser explorado.

A questão do antropocentrismo⁶, observada na ganância de Pakhóm, tem sido objeto de debates contemporâneos com o biocentrismo⁷. Tais debates visam evidenciar

⁶ Com o significado proveniente do grego *anthropos* (o homem) e do latim *centrum* (o centro), o paradigma antropocêntrico é descrito como sendo aquele que coloca o homem como senhor absoluto e único titular de direitos. Tal postura tem sido descrita por muitos autores como a raiz de muitos males que colocam em risco a integridade do planeta. Os gregos aderiram ao antropocentrismo pelas ideias trazidas pelos sofistas, mais especificamente de Protágoras. A partir dos sofistas que os gregos aderiram ao antropocentrismo e proclamaram a superioridade humana sobre tudo que existe (Stoppa; Viotto, 2014, p. 120-121).

⁷ Para contrapor-se ao antropocentrismo, nasce a corrente biocêntrica, a qual tem a incumbência de dar importância a todos os seres vivos e não somente ao homem como senhor absoluto. Portanto, o biocentrismo surge diante da necessidade de modificar o entendimento de que somente o ser humano importa (Stoppa; Viotto, 2014, p. 123).

que o ser humano não é o único titular de direitos, e que sua conduta tem ocasionado diversos males, comprometendo a integridade do planeta. Neste sentido, a discussão proposta neste estudo pretende evidenciar a necessidade premente de a sociedade contemporânea reconhecer o valor intrínseco da vida, tanto dos animais humanos quanto dos não humanos (Stoppa; Viotto, 2014, p. 119).

A crise ecológica contemporânea é oriunda da exploração do meio ambiente, ocasionada pelo consumo desmedido do ser humano, visando à expansão urbana, ao desmatamento e à poluição de rios, com o propósito de fomentar o mito do desenvolvimento e do progresso, e, sobretudo, ignorando os limites ecológicos da Terra. O colapso decorrente da ganância consumerista é o arrasamento da natureza, afetando o solo e o clima.

Segundo o Evangelho, o estilo de vida antropocêntrica e consumerista é criticado por Jesus: "Não ajunteis tesouros na terra [...] e onde os ladrões minam e roubam" (Mt 6:19 – ACF). Por meio de seu ensinamento, Jesus busca promover duas grandes reflexões: 1) sobre a brevidade da vida humana; 2) e sobre a natureza transitória da ambição pela riqueza material e terrena.

É preciso vincular os alertas deixados pelos autores sobre a ganância humana e seus efeitos nas mudanças climáticas atuais, sinalizando que estamos diante de uma ameaça à saúde global e ao futuro do planeta. Torna-se, assim, imprescindível que a humanidade desperte e se conscientize das mudanças necessárias para alterar o curso atual da Terra.

Pakhóm foi alertado em sonho: ele viu um homem descalço e prostrado no chão como morto. Tal visão provocou-lhe horror, visto que o homem morto era ele próprio (Tolstói, 2021, p. 85-86). Entretanto, não atribuiu a devida importância, pois, ao acordar, proferiu: "É cada coisa que a gente sonha" (Tolstói, 2021, p. 86). Torna-se imprescindível despertar do nosso pesadelo ganancioso e salvar o nosso único lugar de morada.

Torna-se premente enfrentar a (in)sensibilidade social. Pakhóm teve a oportunidade de modificar sua trajetória, porém não se convenceu da veracidade do seu sonho. O resultado foi a ausência de discernimento suficiente para a mudança de curso.

No entanto, os sinais em questão não lograram despertar nele a consciência de seu apego desmedido. O autor, Henri Nouwen (2019, p. 192), destaca os sinais, apresentando-os em um formato que assume um aspecto místico, mas transportado à realidade para a espiritualidade. Segundo o autor, é preciso estar aberto aos sinais, sentimentos, palavras que podem nos levar a considerar novas direções, a reencontrar o equilíbrio e a permanecer totalmente vivo. O apóstolo Paulo auxilia na compreensão do assunto ao citar que "[...] tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino, foi escrito" (Rm 15:4 – ACF).

Sob essa perspectiva, as máximas contidas no Evangelho e no conto de Tolstói reverberam como conselhos de sabedoria, contribuindo para uma desconstrução

antropocêntrica da ganância humana e para a elaboração de uma proposta ambientalmente adequada.

Em seu ocaso, a crença possessiva de Pakhóm foi desfeita, evidenciando que a porção de terra efetivamente conquistada se limitava a "um metro e oitenta da cabeça aos pés" (Tolstói, 2021, p. 93). As palavras finais de Pakhóm parecem desconstruir sua ganância: "Há muita terra, mas Deus permitirá que eu viva nela? Eu perdi minha vida, perdi minha vida! [...]" (Tolstói, 2021, p. 92).

Tolstói complementa as instruções do Evangelho de forma universal, indicando que todos os seres humanos, independentemente da época, podem ser alcançados. Dessa forma, a ganância e a (in)sensibilidade, comportamentos que não são recentes, mas que se intensificaram com a modernidade, resultam em uma revelação antropocêntrica da natureza, ocasionando a autodestruição do meio ambiente e uma crise ecológica.

É imprescindível uma reflexão urgente sobre o modelo de desenvolvimento e convívio mais justo e sustentável com a Terra. A lição aprendida em Pakhóm nos mostra que o único tipo de terra realmente necessário é aquele que proporciona a subsistência, e que, posteriormente, um pedaço de terra que seja suficiente para a própria sepultura (menos de 2m!). A sustentabilidade da vida humana depende necessariamente da natureza, e, portanto, o homem não deve se tornar um explorador compulsivo e dominador da Terra.

A premissa inicial desta pesquisa é que a loucura do mundo é movida pela ganância, conceito observável na parábola do rico louco, apresentada por Jesus (Lc 12:19-20 – ACF). Na parábola em análise, o personagem rico perde o juízo ao seguir uma trajetória pautada exclusivamente na busca por bens materiais. O personagem prospera, acumula riqueza e construiu um grande patrimônio, visando o usufruto: "E direi a minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e folga" (Lc 12:19 – ACF). No entanto, esse modelo de vida é desmontado pela seguinte pergunta divina: "Mas Deus lhe disse: Louco! Esta noite pedirão tua alma, e o que tens preparado, para quem será?" (Lc 12:20 – ACF).

Ao elaborar uma reflexão sobre o conflito entre "a sabedoria ou a loucura do mundo e a sabedoria de Deus e sua graça", o autor Jung Mo Sung (2015, p. 17) afirma que este conflito permeia o espírito do mundo e o Espírito de Deus. O autor afirma que os avanços tecnológicos recentes e as promessas do mercado, que vislumbram um futuro pós-humano sem as limitações e os problemas da condição humana, devem se concentrar na realidade dos dois principais fatores do nosso tempo: a) a brutal concentração de riquezas, a exclusão social e a insensibilidade da humanidade; b) a crise ambiental que ameaça tornar a vida da maioria da população insustentável ou impossível (Sung, 2015, p. 33). Há uma evidente incompatibilidade entre os anseios de consumo desmedido promovidos pelo mercado e a conservação do meio ambiente.

No fundo, não percebem que há uma incompatibilidade entre a

civilização moderna capitalista – baseada na busca da maximização da produção e consumo e na tentativa de superação dos limites da condição humana e da própria natureza através do progresso da ciência e da tecnologia – e a preservação do meio ambiente. Porém, não basta ficarmos repetindo que toda a culpa é do capitalismo e do neoliberalismo, isentando assim o resto da humanidade da sua parcela de responsabilidade neste processo (Sung, 2015, p. 35).

O homem é movido pelo desejo de ter em abundância, ouvindo somente a sua própria razão. Embora necessidades básicas, como descanso, alimentação, beber e lazer, sejam inerentes ao ser humano, o indivíduo, impulsionado por seu próprio projeto, contribui para a lógica consumista de querer ter cada vez mais. Para tanto, faz-se necessário que o homem compreenda que é um ser temporal, e que sua vida, em média, percorre um caminho de 60 a 70 anos^{8 9}.

Pakhóm representa um modelo de humanidade fascinada por tipos de conversas semelhantes às oferecidas pelo chefe dos Basquires, que acreditava que toda a terra por ele percorrida seria sua (Tolstói, 2021, p. 83). Trata-se de uma geração que deposita uma fé inquebrantável na ideia de que, ao avançar freneticamente para demarcar seus limites, é possível possuir toda a terra. A incitação para a posse e acumulação de bens é realizada em nome da loucura do consumismo moderno, que age de modo a destruir e consumir os recursos finitos do planeta como se fossem infinitos. A crise ecológica é, portanto, uma demonstração da insustentabilidade explorativa sem limites.

O autor Dalai-Lama (2021, p. 41) destaca que, ao detectar tal crise, a Terra estaria em melhor situação na ausência de humanos, visto que a destruição ambiental decorre de fatores como ignorância, ganância e desprezo pelas formas de vida do planeta. Essa noção de posse ilusória é desafiada pelos ensinamentos de Jesus, que visa desconstruir esse conceito, uma vez que a Terra não nos pertence. Conforme o próprio ensinamento de Jesus: “Não ajunteis [acumulem] tesouros na terra” (Mt 6:29 – ACF).

Tolstói destaca que desejar usufruir de toda a terra é um caminho que produz um morrer de exaustão. O paralelo é que, ao usar os recursos naturais de forma irresponsável, produziremos uma concentração de riquezas, exclusão social e uma crise ambiental insustentável.

A terra como bem comum para todos

Com base na construção feita por Jesus sobre os resultados destruidores do acúmulo de riquezas e ganância humana presente nos Evangelhos, encontramos Liev

⁸ No texto sagrado, no Salmo 90, temos a citação de que “os dias da nossa vida chegam a setenta anos, e se alguns, pela sua robustez, chegam a oitenta anos, o orgulho deles é cansa e enfado, pois cedo se corta e vamos voando” (Sl 90:10 – ACF).

⁹ É válido destacar que se requer um olhar atento ao grupo da terceira idade, como tem sido designado, pois, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o número de pessoas com idade superior a 60 anos chegará a 2 bilhões de pessoas até 2050; isso representará um quinto da população mundial. O Jornal da USP destacou que, em 2030, o Brasil terá a quinta população mais idosa do mundo.

Tolstói com visão semelhante em seu conto. A terra deve ser compreendida como uma fonte de vida. Tolstói também critica a ganância e a obsessão por riquezas materiais que culmina em um círculo vicioso no qual sempre se deseja mais e a satisfação parece cada vez mais inatingível. A terra deve ser compreendida como um bem comum, e não como uma fonte de riquezas de alguns.

A propriedade privada¹⁰ é objeto de crítica por parte do filósofo Jean-Jacques Rousseau (1999), um dos principais pensadores da modernidade, que afirma que ela é a origem de uma parcela da corrupção humana. No conto de Tolstói, a crença de Pakhóm é de quanto mais terra tivesse, mais feliz seria. Nesse sentido, tanto Rousseau quanto Tolstói tinham uma visão crítica da sociedade que perpetuava a desigualdade e injustiça. A crítica de Tolstói parece estar fundamentada na ilusão da propriedade privada exposta por Rousseau. Isso é possível, uma vez que inúmeros autores se dedicam a escrever acerca da influência do pensamento de Jean Jacques Rousseau sobre Tolstói. Conforme descrevem as autoras Elena Vássina e Natalia Cristina Quintero Erasso: A inspiração de “Confissão”, de Rousseau, fica nítida nas primeiras páginas dos diários que Tolstói escreveu desde 18 anos de idade até o final de sua vida (Vassina, 2013). Ainda destacam que Tolstói teria confessado a seu biógrafo N. Gússev:

Eu li todos os 20 volumes de Rousseau, incluindo seu “Dicionário musical”. Foi mais do que adoração – eu o idolatrava. Aos quinze anos, em vez de cruz, eu usava uma medalha com seu retrato. Muitas de suas páginas são tão íntimas a mim que me parece como se eu mesmo as tivesse escrito. (Gússev, 1926 p. 136 *apud* Vassina, 2013)

Fica claro em seus escritos que Tolstói assimilou de Rousseau muitas ideias centrais éticas e filosóficas. O dualismo simbólico da terra, que abarca vida e morte, tal como concebido no pensamento tolstoiano que a terra é um bem indispensável e um meio mortal. Dessa forma, o autor metamorfoseia a terra em uma figura dramática e silente. Assim, embora o sustento provenha da terra, o homem é consumido pelo seu caráter ganancioso.

O teólogo e escritor brasileiro Clodovis Boff ao prefaciар uma das traduções em português da obra *O Reino de Deus está entre vós* de Liev Tolstói, publicada em 1994 pela editora Rosa dos Tempos, destaca que Gandhi nutria profunda admiração pelas ideias de Tolstói (Tolstói, 1994, p. 8-9). É inegável que os pensamentos e a filosofia de Gandhi, marcada pela simplicidade e desapego material, parecem ecoar as expressões de Jesus e Tolstói, refletindo suas críticas ao consumismo e à exploração colonial.

No evangelho, há a instrução de que os tesouros sejam acumulados no céu (Mt 6:20), e não na terra. Uma leitura que seja permeada por preocupações socioambientais profundas, conforme os autores discutidos aqui, nos convidam a ter uma visão sobre o céu que se caracterize por uma ênfase na importância da vida presente. O céu como

¹⁰ O pensamento filosófico de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) em torno da propriedade privada é visto em sua obra: *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* (1999).

Reino de Deus interior que carregue consciência, simbolizado como um lugar de pensamentos corretos e valores eternos, como os de justiça, partilha e cuidados com a natureza e com as próximas gerações, ou seja, um padrão de justiça socioambiental.

O preceito bíblico destaca que tanto a terra quanto tudo o que nela existe pertence ao Senhor (Sl 24:1), e que fomos colocados como cuidadores dessa terra (Gn 2:15). A partir dessa interpretação hermenêutica, situada no âmbito do ambientalismo, infere-se que a terra constitui uma herança coletiva, não se configurando como uma mercadoria de propriedade de alguns. Para que as gerações futuras desfrutem igualmente dos frutos da terra, é necessário que se promova o uso sustentável do solo. No entanto, é necessário desfazer-se da ilusão do acúmulo de riquezas e do desejo de domínio possessivo da terra. A terra, portanto, não deve ser concebida como um bem a ser possuído, mas sim como um sistema vivo, sem o qual não sobreviveremos.

O ambientalista indígena Ailton Krenak (2020, p. 16) afirma que é necessário desconstruir o mito da sustentabilidade inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à ideia de natureza dos povos indígenas. A palavra sustentabilidade usada largamente pelas corporações trata-se de um termo artificial, ou seja, corporações usam a palavra *sustentabilidade*, no entanto tratam de embutir no termo, de maneira velada, a legitimação do desmatamento e a degradação ambiental.

Criam uma imagem de responsabilidade ambiental sem realmente mudar suas práticas de exploração de forma predatória. Uma ideia de sustentabilidade que é usada para mascarar violenta exploração. É esta concepção que Ailton Krenak (2020, p. 20) chama de *mito da sustentabilidade* e assevera ser necessário desconstruir. Em caso contrário, a humanidade acabará vivendo em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios, como um monstro corporativo:

Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania. José Mujica disse que transformamos as pessoas em consumidores, e não em cidadãos. E nossas crianças, desde a mais tenra idade, são ensinadas a serem clientes. Não tem gente mais adulada do que um consumidor. São adulados até o ponto de ficarem imbecis, babando (Krenak, 2020, p. 24).

Ailton Krenak destaca que é possível estabelecer um modelo de vida com a natureza, sem contrariar seus princípios, tal qual observado nos povos tradicionais, indígenas e camponeses, ou seja, em harmonia com a natureza, como expresso na citação a seguir: “Viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar com a floresta” (Krenak, 2020, p. 25). Krenak acrescenta “[...] fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja

natureza. Tudo é natureza” (Krenak, 2020, p. 10).

Somos mais de 8 bilhões de habitantes no planeta¹¹. Não podemos viver e reproduzir um modelo possessivo e consumista, esgotando os recursos naturais. Não acumular tesouros tem a ver com compartilhar e viver de forma simples (Mt 6:25-34).

O conceito de vida simples e compartilhada, objeto de estudo de diversas pesquisas, encontra-se em prática em comunidades como as localizadas no Equador e na Bolívia, onde é conhecido como “Bem Viver”. Trata-se de uma construção de uma sociedade alternativa, sustentada por uma convivência harmoniosa com a natureza. Segundo Janaina Marx (2023, p. 1), além de se constituir como uma construção política, o “Bem Viver” apresenta diretrizes para o desenvolvimento sustentável, pautadas por uma visão humanista e ecológica. Ademais, Celio Turino, ao agregar a definição do termo, expõe o que seria este “Bem Viver”:

[...] se afirma no equilíbrio, na harmonia e na convivência entre os seres. Na harmonia entre o indivíduo com ele mesmo, entre o indivíduo e a sociedade, e entre a sociedade e o planeta com todos os seus seres, por mais insignificantes ou repugnantes que nos possam aparentar. Somente a partir destas três harmonias é que conseguiremos estabelecer uma profunda conexão e interdependência com a natureza de que somos parte (Turino *apud* Acosta, 2019, p. 15).

O modelo do “Bem Viver” é apresentado na obra de Alberto Acosta, que reconheceu direitos à Natureza, denominada como Mãe Terra (Acosta, 2019, p. 13). Ademais, o grupo em questão não se limita a reconhecer a natureza como um ser de direito, mas também se engaja em uma luta contra o capitalismo nocivo. O modelo adotado envolve um modo de vida de populações indígenas latino-americanas, na qual o indivíduo é visto a partir de uma lógica distinta, a complementariedade, deixando de ser visto como um rival. Assim, deixa de ser binário, passando a ser dual, respeitando o outro e tendo a terra como sagrada.

A análise do conceito de “Bem Viver”, por sua vez, abarca os indivíduos que se dedicam às atividades laborais, contudo, com foco no consumo. Nesse modelo, a produção e o consumo são interligados, perpetuando um ciclo vicioso que exaure os recursos naturais e intensifica as desigualdades sociais (Acosta, 2019, p. 36). Contudo, cabe questionar se tal modelo de “Bem Viver” configura-se como uma utopia exclusiva dos povos indígenas. Seria esse um caminho eficaz para enfrentarmos a modernidade capitalista?

É crucial testar caminhos para construir uma vida simples. Nesse sentido, o “Bem Viver”, enquanto alternativa ao desenvolvimento, configura-se como uma proposta civilizatória que reconfigura um horizonte de superação do capitalismo (Acosta, 2019

¹¹ O número da população mundial foi extraído do portal do “Population Project” que é uma organização sem fins lucrativos que tem cujo objetivo é registrar o nome completo, local e data de nascimento de todos os seres humanos vivos, possui no seu portal em tempo real o número de habitantes no mundo.

p. 76):

Cada vez mais pessoas começam a entender que a acumulação material, mecanicista e interminável, assumida como progresso, não tem futuro. Essa preocupação é crescente, pois os limites da vida estão severamente ameaçados por uma visão antropocêntrica do progresso, cuja essência é devastadora (ACOSTA, 2019, p. 104).

Diante de um cenário de crise global, que não se limita às esferas econômica, social e ambiental, mas se estende a uma crise espiritual profunda, há uma perda do sentido humano em nossas vidas. Segundo Mo Sung (2015, p. 48), seria viável trilhar um novo caminho para a sustentabilidade a partir do Reino de Deus, buscando um equilíbrio entre ecologia e espiritualidade. Tal perspectiva possibilita uma reflexão sobre a cultura de consumo, que transforma o mundo em um ambiente no qual as mercadorias se tornam signos que comunicam as relações humanas e sociais, bem como as identidades das pessoas e dos grupos sociais, segundo os quais “Consumo, logo existo! ou você é o que consome!”. Com base nesta abordagem, a sustentabilidade econômica e social se articulam entre si e com a sustentabilidade ambiental, ou seja, “os seres vivos se mantêm vivos enquanto interagem com o seu meio ambiente e dele retiram os elementos necessários para a sua sobrevivência” (Sung, 2015, p. 111).

Nesse sentido, é preciso abrir espaços para a “Ecoteologia”¹², como um modelo de vida no mundo orientado pela Bíblia. Portanto, os atos de ganância no estilo comportamental de Pakhóm são prejudiciais à justiça socioambiental, uma vez que promovem práticas de extrativismo predatório, as quais degradam tanto o meio ambiente quanto a vida em sociedade.

Conclusão

A sabedoria presente nos textos do Evangelho, expostos por Jesus e Liev Tolstói, cada um à sua maneira, estabelece uma denúncia à utopia do acúmulo, apontando um caminho responsável com a questão ambiental.

A partir de **Jesus**, há uma mudança de perspectiva em relação à brevidade da vida e ao acúmulo de bens materiais, sugerindo que o ser humano deve aguardar pacientemente a intervenção divina e interpretar corretamente os valores do Reino de Deus em relação à visão pragmática deste mundo (Mt 6:33).

Em **Tolstói**, a partir de seu conto, obtivemos subsídios para uma crítica aos dias atuais que toca em um ponto central no debate sobre as questões ambientais.

¹² Conforme artigo escrito por Afonso Murad, o termo ecoteologia foi cunhado e popularizado por David G. Hallman. O autor destaca que o teólogo brasileiro Leonardo Boff foi o fundador da ecoteologia latino-americana, sendo reconhecido em sua dedicação de estudar sobre a ecologia e sua influência para o pensar teológico, a ética e a espiritualidade. Leonardo Boff expõe ainda que “a ecologia deixou de ser um movimento de preservação das matas e das espécies. Transforma-se em crítica ao tipo de civilização que construímos, que devora energia e destrutura os ecossistemas. Uma forma de viver, uma via de redenção para o ser humano e o ambiente (Boff, 2004, p. 18 *Apud* Murad, 2019, p. 75). Para Murad, Leonardo Boff sempre relaciona sua visão antropocósmica com a criação e a redenção do mundo em Deus (2019, p. 76).

Tal crítica se baseia na premissa de que a ganância humana não somente destrói a natureza, mas também ao próprio homem. Em Ailton Krenak, ao sugerir a criação de estratégias para postergar o fim do mundo vemos igual perspectiva. Sendo o fim de mundo consequência da cobiça, conforme Tolstói, a humanidade precisa conceber estratégias para postergar o inevitável.

A partir de Tolstói, é possível identificar um apelo à reflexão sobre um modelo de desenvolvimento e convívio no planeta que seja diferente do atual, mas que seja justo e sustentável. A proposta é que, antes que seja tarde demais, acordemos de nossas posturas, semelhantes à de Pakhóm.

“De quanta terra precisa um homem?” Esta pergunta continua sendo muito importante para a discussão de temas que pedem extrema urgência em nosso tempo, tal como a crise ambiental. Esse questionamento também ecoa na centralidade dos ensinamentos de Jesus, no qual a ganância é completamente contrária aos valores do Reino de Deus e os resultados que dela procedem são frutos da loucura humana.

A sensatez que o título e a reflexão do conto de Liev Tolstói carregam, parece desnudar os desvaios da ganância e seus efeitos desastrosos em qualquer época. Como bem observou Clodovis Boff, existem “pontos de contato que a obra de Tolstói oferece com a nossa própria realidade religiosa e social” (Tolstói, 1994, p. 7).

A relevância da crítica estabelecida no artigo é contemporânea e deriva de Jesus e Tolstói. Tais autores anteciparam o reflexo da sociedade atual, evidenciado na busca por mais posses, e ignoraram o alto custo humano e ambiental. Portanto, o texto apresenta-se como um convite ao ser humano para que este reconheça a suficiência posta na vida simples, principalmente no que tange à inevitabilidade da morte. A humanidade só alcançará a verdadeira paz vivendo em simplicidade e reconhecendo que o acúmulo de terras não enriquece, mas produz destruição.

Diante do atual panorama de crises, tanto em âmbito social quanto global, ecológico e espiritual, é imperativo que assumamos, por intermédio das religiões, a correta representação para a sua superação. Somente mediante a plena compreensão de que a “não ideia de plenitude através do consumo ilimitado” é, de fato, uma “não ideia” é possível construir um mundo melhor e sustentável, pautado na harmonia entre a humanidade e a natureza.

Referências

ACOSTA, Alberto. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

BÍBLIA de Estudo Plenitude. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

EM 2030, o Brasil terá a quinta população mais idosa do mundo. Jornal da USP, São Paulo, 16 out. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/em-2030-brasil-tera-aquinta-populacao-mais-idosa-do-mundo/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAMA, Dalai. *A nossa única casa: um apelo ao mundo pela necessidade urgente de cuidarmos da terra*. Tradução de Marina Vargas. São Paulo. LeYa Brasil, 2021.

MARX, Janaina. A terra e o território nos discursos do Bem Viver: aproximações ao campo dos estudos urbanos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 20., 2023, Belém. Anais [...]. Belo Horizonte: ANPUR, 2023. Sessão temática 13.

MURAD, Afonso Tadeu. Da ecologia à ecoteologia. Uma visão panorâmica. *Fronteiras - Revista de Teologia da Unicap*, Recife, v. 2, n. 1, p. 65-97, 2019.

NOUWEN, Henri. *A volta do filho pródigo: a história de um retorno para casa*. Tradução Alessandra Lass; Thaís Martínez Arcari. Itapevi, SP: Nebli, 2019.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (Clássicos).

STOPPA, Tatiana; VIOTTO, Thaís Boonem. Antropocentrismo x biocentrismo: um embate importante. *Revista Brasileira de Direito Animal*, Salvador, v. 9, n. 17, p. 119-133, 2014.

SIMPSON, Peter. Deus e Sócrates sobre os males do governo. *Revista Hypnos*, São Paulo, ano 10, n. 15, p. 13-24, jul./dez, 2005. Disponível em <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/397>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SUNG, Jung Mo. *A graça de Deus e a loucura do mundo*. São Paulo, SP. Editora Reflexão, 2015.

THE POPULATION PROJECT. *Total population*. New York: [s. n.], 2025. Disponível em: <https://thepopulationproject.org/world?> Acesso em: 28 mar. 2025.

TOLSTÓI, Liev. *De quanta terra precisa um homem?: e outras histórias*. Tradução de Patrícia N. Rasmussen. Jandira, SP: Principis, 2021. (Clássicos da literatura mundial).

TOLSTÓI, Liev. *O Reino de Deus está entre nós: o cristianismo apresentado não como uma doutrina mística, mas como uma nova moral*. Tradução de Celina Portocarrero. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

VASSINA, Elena et al. *Dialética de relações dialógicas* de J.-J. Rousseau e L. Tolstói: dos textos autobiográficos às obras de ficção. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC INTERNACIONALIZAÇÃO DO REGIONAL, 13., 2013, Campina Grande. *Anais [...]*. Campina Grande: Realize Editora, 2013. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/4260>. Acesso em: 22 maio 2025.